

DISTINGUINDO PERSUAÇÃO E RETÓRICA NO *GÓRGIAS* DE PLATÃO

THE DISTINCTION BETWEEN PERSUASION AND RHETORIC IN PLATO'S *GORGIAS*

CLAUDIANO AVELINO DOS SANTOS*

Resumo: A filosofia se desenvolveu durante uma época na qual a habilidade de persuadir era considerada fundamental para quem quisesse ter sucesso na *pólis* - daí o prestígio da Retórica entre os atenienses. Platão, porém, no diálogo *Górgias* critica essa atividade. Mas ao criticá-la não condena a persuasão, elemento fundamental para o ensino.

Palavras-chave: Retórica, persuasão, *Górgias* de Platão.

Abstract: Philosophy first developed in a time when the ability to persuade was considered essential for those who wanted to succeed in the polis, hence the prestigious place rhetoric achieved among the Athenians. Plato, however, in the dialogue *Gorgias* criticizes this activity. But in criticizing it, he does not condemn persuasion, which he regards as fundamental to education.

Keywords: Rhetoric, persuasion, Plato's *Gorgias*.

Como Platão entendia a relação entre Filosofia e Persuasão? O presente trabalho é uma aproximação do pensamento do filósofo ateniense a respeito desse tema no diálogo *Górgias*. Os períodos arcaico e clássico dos gregos foram tempos nos quais germinou e se desenvolveu um modo de organização política marcado pelo direito de expressão a todos os cidadãos (*isegoria*). Em uma organização assim, se expressar bem, de modo a persuadir o interlocutor era a chave para o sucesso, entendido como conquista de fama e riquezas. Muito expressivo a esse respeito é uma fala de Odisseu a Neoptélamo, no *Filoctetes* de Sófocles: “Filho de nobre pai, também eu quando era jovem, tinha a língua preguiçosa e pronto o braço. Hoje, com a experiência, vejo que, entre os mortais, são as palavras, e não as ações que conduzem tudo” (vv. 96-99).¹

* Claudiano Avelino dos Santos é doutorando em Filosofia na PUC – SP, Brasil. E-mail: claudiano.avelino@gmail.com

¹ SÓFOCLES. *Filoctetes*. Tradução de José Ribeiro Ferreira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2007. Essa peça é datada de 409 a.C., portanto anterior ao *Górgias*, datado geralmente de 387 a.C.

É muito significativo que, para os gregos, a Persuasão seja uma divindade, *Peithó*, uma deusa associada à Afrodite. Nos fragmentos e evidências arqueológicas, como Afrodite, *Peithó* está sempre relacionada ao amor e ao sexo, mas também com funções relacionadas com a vida pública da comunidade². Tomemos dois textos anteriores a Platão, apenas como exemplo.

Lembremos a passagem de *O trabalho e os dias* de Hesíodo, quando *Peithó* adorna Pandora com colares de ouro e flores, instrumentos de sedução, ao que tudo indica, em nome ou no lugar de Afrodite (v. 55-75). A partir dessa imagem, pode-se entender que a persuasão é uma das forças que desafiam, desconcertam e confundem o homem. Já na *Teogonia*, Hesíodo apenas a apresenta como filha de Tétis e Oceano (cf. 348).

Também é significativa a presença da persuasão no poema fundamental da filosofia ocidental, o *Poema* dos caminhos de Parmênides. Como se sabe, no *Poema* de Parmênides, a palavra mítica e a palavra que hoje dizemos “racional” estão misturadas, mas começam a se distinguir. Nesse texto fundamental e complexo, encontramos a persuasão. Por exemplo, já no início encontramos “As moças, seduzindo com suaves palavras, persuadiram-na, atenciosamente, a que lhes retirasse rapidamente o ferrolho trancado das portas ...” (B1 15-17). As palavras persuasivas aí aparecem como poderosas: é por meio delas que as moças fazem a Justiça a abrir as portas do dia e da noite. Também mais adiante, é dito ao jovem iniciado: “Mas é preciso que de tudo te instruas: tanto do intrépido coração da Verdade persuasiva quanto das opiniões de mortais em que não há fé verdadeira.” (B1, 28-30). A persuasão aparece como um qualificativo da verdade, como um elemento que a fortalece. Essa ideia positiva da persuasão é reforçada quando são apresentadas as vias do pensar: “uma, para o que é e, como tal, não é para não ser, é o caminho de persuasão – pois Verdade o segue” (B2 3-4).

Talvez para os gregos a função da persuasão fosse nítida, evidente. Mas esses dois exemplos que trouxemos, nos indicam como o tema da persuasão nos aparece tomado de ambiguidade ou de complexidade. Por isso nos achegamos a Platão, sabendo que podemos tê-lo como crítico da política ateniense de seu tempo, que em alguns de seus diálogos mostra desinteresse pela forma de discursar e, poderíamos dizer, de persuadir em Atenas. Mas sem olvidar que ele mesmo é um mestre em persuadir.

Assim, de acordo com o filósofo ateniense, que preconiza um uso do *lógos* associado ao bem e à justiça, como se daria a relação entre conhecimento

² Cf. R. BUXTON, R.G.A. *Persuasion in Greek tragedy. A study of peitho*. Cambridge, Cambridge University Press, 1982. p. 31.

e persuasão? A persuasão da Retórica parece ser desdenhada por Platão, mas a dialética não pode ser entendida como forma autêntica, eficiente de persuadir? São as perguntas que nos motivam nesta pesquisa.

Para nos aproximarmos do tema da persuasão em Platão, procuramos ler o diálogo *Górgias* com o intuito de perceber como esse tema é tratado. De início, sabemos que não há nesse diálogo uma pergunta direta sobre o que é a persuasão. Há no diálogo a pergunta sobre a atividade exercida por Górgias, e depois, sobre o que seja a Retórica. É aí que aparece o tema da persuasão.

O *Górgias* é um diálogo que pode ser dividido em três partes: na primeira, Sócrates dialoga de modo prevalente com o Górgias, na segunda com Polo e na terceira com Cálicles. Aqui nos detemos na parte em que Sócrates dialoga com Górgias (449a-461b), pois é aí que aparecem considerações a respeito da persuasão. Percorre-se um caminho até chegar a persuasão. Procuremos seguir por ele.

O prólogo do diálogo, além de apresentar o cenário e os personagens, traz, como em outros diálogos, por exemplo, *Protágoras* 347b³ e *Mênon* 70b-71d, a preferência de Sócrates de dialogar a respeito do tema, esquivando-se da demonstração – *epideixis* – para outra ocasião⁴. Ainda no prólogo, Sócrates distingue “o que chamam de Retórica” – *tên kaloumènen rhetorikèn* – de “dialogar” – *dialégesthai*. Isso ocorre logo após o discurso de Polo, que elogia a atividade de Górgias, mas não diz o que ela é. Platão como que adianta o seu juízo da Retórica como capaz de falar, mas nem sempre apta para definir, responder com precisão a uma pergunta⁵.

Sócrates preferiu interrogar Górgias diretamente – e não seu discípulo Polo, ávido por falar – a respeito da arte que ele praticava. Tendo Górgias assentido que sua arte é Retórica e que é um rétor, e mais, capaz de formar outros rétores, passam a dialogar sobre “a que concerne a Retórica” (449d). São tomados como exemplos de arte a tecelagem e a música. Assim como a tecelagem concerne à manufatura de roupas e a música à composição de

³ Nessa passagem do *Protágoras* é Alcibiades que pede para deixar para outra ocasião um belo discurso que Hípias deseja fazer. Já na citada passagem do *Mênon* a recusa é feita citando o sofista Górgias e a maneira altiva, grandiloquente de responder a questões.

⁴ “Certo, Cálicles. Mas, será que ele [Górgias] quereria conversar conosco? Porque eu quero ouvir de seus lábios para que serve sua arte, o que ela promete e o que ela ensina; as outras coisas, a demonstração, podem ser feitas, como dizes, em outra ocasião.” (447c).

⁵ Cf. Górgias, 448d. Segundo Schiappa, quando fala de Retórica aqui, é a primeira vez que o termo está sendo utilizado, pois Platão seria seu criador. (SCHIAPPA, Edward. *The Beginnings of Rhetorical Theory in Classical Greece*. Londres, Yale University Press, 1999, p. 14).

cantos, a retórica concerniria aos discursos, habilitando as pessoas a pensar e a falar. Isso seria inapropriado, pois também a medicina e a ginástica lidam com discursos.

Uma saída para a Retórica seria dizer que, diferentemente dessas outras artes, a ela não implicaria em ofício manual (*kheirouígema*). Haveria, então, dois tipos de arte: umas que requerem pouquíssimo ou nenhum discurso e outras que se cumprem pelo discurso, requerendo pouca ou nenhuma atividade prática. A Retórica estaria bem aí, no entanto, não só ela: a aritmética, o cálculo, a geometria e até os jogos de peças, que exigem raciocínio (*petteutiké*) e tantas outras artes.

Não parece estranho que aritmética, cálculo e geometria sejam tidos como artes do discurso? De qualquer modo, isso nos chama a atenção para a polissemia do termo *lógos*, que podem ser agrupados em duas acepções: uma linguística (discurso e seus sinônimos) e outra lógica (arrazoado e seus sinônimos).

A Retórica é uma atividade que se exerce mediante o discurso, mas é “uma daquelas artes que tudo praticam mediante o discurso” (451d). É preciso especificar um pouco mais, para chegar a uma definição de Retórica. Isso se faz explicitando de que se tratam os discursos da Retórica. Para isso, não basta dizer que trata “das melhores e mais importantes coisas humanas”. (cf. 451d). É preciso especificar que bem é esse. (cf. 452d). Seria “...ser capaz de persuadir mediante o discurso os juízes no tribunal, os conselheiros no Conselho, os membros da Assembleia na Assembleia e em toda e qualquer reunião política...” (452e). Esse foi o caminho feito para chegar a Retórica como “o artífice de persuasão”. Ou seja, aquela que “incute na alma dos ouvintes a persuasão” (453a).

Essa definição também não é suficiente segundo Platão, é preciso especificar ainda a que concerne à persuasão proveniente da Retórica (453b), já que aquela não é privilégio especificamente seu. Aqui chegamos ao tema de nosso interesse.

O ponto de partida para tratarmos da persuasão é considerar que “quem ensina, persuade acima de tudo” (453d). A persuasão é apresentada aqui com um viés positivo, ligado ao ato de ensinar (*didaskein*). Assim, a aritmética, quando ensina a respeito do par e do ímpar também persuade. A persuasão específica da Retórica seria aquela dos tribunais, concernente ao justo e ao injusto. (cf. 454b).

A hipótese de ser a Retórica a ciência do justo e do injusto parece descabida, mas na Atenas da época de Platão, os rétores de fato se consideravam juízes de tudo. Mas, sendo a persuasão ligada ao ensino, a retórica ensinaria a respeito do justo e do injusto? Evidentemente, não. Mas, mesmo sem ensinar,

parece evidente que a Retórica persuade. Então, é forçoso assumir que nem toda persuasão é didática. Para aclarar isso, Platão se vale da distinção entre aprender e acreditar (*memathbekénai* e *pepisteukénai*) ou entre aprendizagem e crença (*mathesis* e *pístis*). A partir daí se estabelecem duas formas de persuasão: "...a que infunde crença sem o saber e a que infunde conhecimento". (454e). E, assim "...a retórica, como parece, é artífice da persuasão que infunde crença, mas não ensina nada a respeito do justo e do injusto".

Ao distinguir dois tipos de persuasão, Platão a liberta do domínio da atividade praticada pelos políticos e outros oradores de então. Persuasão e Retórica não são termos intercambiáveis, principalmente se se considera a presumida arte dos discursos praticada nos tribunais, assembleias e outras aglomerações da Atenas de então. É nesse sentido que Platão vai tomar persuasão mais adiante, no texto, quando faz Sócrates dizer "... afirmas ser capaz de tornar alguém rétor, se ele quiser aprender contigo ... de modo a ser persuasivo a respeito de todos os assuntos em meio à multidão, não a ensinando, mas persuadindo-a..." (458e). Trata-se, se for adequado nos expressarmos assim, da má persuasão, que faz "...o ignorante mais persuasivo que o conhecedor em meio a ignorantes...". (459b). Como portadora de tal tipo de persuasão, a Retórica "... não deve conhecer como as coisas são em si mesmas, mas descobrir algum mecanismo persuasivo de modo a parecer, aos ignorantes, conhecer mais do que aquele que tem conhecimento." (459b-c).

A atividade política, ou se quisermos, as atividades jurídicas e políticas de Atenas, adestradas pela Retórica dos logógrafos, em geral praticavam aquela persuasão enganadora, que faz aquele que fala ter sucesso entre ignorantes, por aparentar domínio de um tema diante de ignorantes. É uma atividade que na medida em que só produz aparência de conhecimento, aumenta e cristaliza a ignorância. Por isso, essa Retórica, demiurgo da persuasão entre ignorantes não pode ser considerada um *tékhne*, mas meramente uma adulação. No entanto, não há em momento algum, no *Górgias*, condenação ou menoscabo da persuasão em si mesma, que é tratada como importante em todo processo de aprendizado e conhecimento.

A partir dessa leitura, consideramos mais apropriado perguntar não tanto pela relação entre Filosofia e Retórica, mas entre Persuasão e Filosofia em Platão. Não interessa à filosofia como concebida por Platão aparentar conhecimento do que não se sabe, ou adular em vista de modificar opiniões, mas parece-nos que provocar persuasão na alma dos ouvintes interessa bem à filosofia, discussão que encontramos não tanto no *Górgias*, mas no *Fedro*.

[Recebido em agosto 2011, Aceito em setembro 2011]